

Marta Soares

Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas – Universidade de Lisboa

Gomes, Catarina (2020), *Coisas de Loucos: O que ele deixaram no manicómio*, Lisboa, Tinta da China

Recensão

Só somos justos com aqueles que miramos demoradamente, num exercício que coloca a hospitalidade como condição do conhecimento. Ou mesmo como condição do resgate.

José Tolentino Mendonça (2016)

Escrito pela jornalista Catarina Gomes, *Coisas de Loucos* reúne vários textos sobre doentes do hospital psiquiátrico Miguel Bombarda (o antigo “Rilhafoles”), numa expansão da série “O que eles deixaram no manicómio”, publicada no *Público* entre outubro e novembro de 2019. O prefácio, pela mão da escritora Djaimilia Pereira de Almeida, prepara (sem condicionar) o leitor para os dez capítulos que estruturam o livro. Fruto do interesse confesso da autora por histórias de vida, *Coisas de Loucos* alinha-se com as suas duas obras anteriores (*Pai, Tiveste Medo?*, Matéria-Prima, 2014, e *Furriel não é Nome de Pai*, Tinta da China, 2018) pelo foco na experiência pessoal e pelo estilo de reportagem, identificado por Catarina Gomes como jornalismo narrativo (que aqui designarei por jornalismo literário).

Como indicado pelo título, este trabalho tem como génese uma miríade de objetos esquecidos no sótão do Miguel Bombarda e que a autora encontra por mero acaso, como descreve no capítulo introdutório, “Na caixa”. Paradoxalmente, é este “arquivo morto” (Gomes 2020: 22) que serve de base para reconstituir as oito vidas aqui apresentadas, fornecendo pistas que permitem traçar os contornos destas difusas existências humanas. Por outro lado, o título remete-nos para a perceção generalizada da doença mental e, por conseguinte, dos doentes mentais: “coisas de loucos” são gestos exagerados e irrefletidos, quase sempre incomodativos, ou palavras que não fazem sentido, não são fiáveis e, como tal, não são legítimas nem merecedoras de atenção. Estas histórias nascem, portanto, do silêncio: do silêncio dos objetos esquecidos na caixa e do silêncio marginal para onde os seus antigos proprietários foram sendo empurrados pelas suas famílias, pela sociedade do seu tempo (finais do século XIX e início do século XX) e pelo hospital que os recebeu ao longo de várias décadas.

Leopoldina de Almeida, Noé Galvão, Simão de Carvalho Proença, Manuel de Avelar Rodrigues, Valentim de Barros, Clemente da Costa Santos, Ricardo Vinte e Um e Jaime Fernandes. Oito nomes que designam as oito vidas aqui retratadas na sua complexidade humana, e não reduzidas à condição de doentes mentais. Ainda que, inicialmente, Catarina Gomes tenha pretendido escrever sobre figuras proeminentes do Miguel Bombarda (José Júlio da Costa, o assassino de Sidónio Pais; Aparício Rebelo dos Santos, que matou o médico Miguel Bombarda; o poeta Ângelo de Lima; o artista Jaime Fernandes; e o bailarino Valentim de Barros), a descoberta da caixa fê-la mudar de direção e seguir o rasto de vidas desconhecidas e comuns: “Estava naquele espaço à procura do excepcional na loucura e acabava por encontrar o absolutamente corriqueiro” (28). Da intenção inicial, apenas Valentim de Barros e Jaime Fernandes se mantiveram, provavelmente porque a hipervisibilidade de um, e a apropriação póstuma da obra do outro, os tenham tornado mais invisíveis do que as outras vidas anónimas. Neste sentido, *Coisas de Loucos* concretiza o desígnio do jornalismo literário em conceder espaço aos marginalizados através da valorização do pessoal e do “absolutamente corriqueiro”, e do entendimento de que todas as vidas são interessantes e dignas de atenção, como Mark Kramer sublinha: “Most anyone’s life, discovered in depth and from a compassionate perspective, is interesting” (1995).

A intenção deste volume é clara desde o início: resgatar do esquecimento a vida de oito doentes psiquiátricos, na sequência do encerramento do Hospital Miguel Bombarda em julho de 2011. *Coisas de Loucos* apresenta-se assim como uma demanda pela restituição da dignidade a estas vidas ao materializá-las em palavras e imagens (refira-se, a este propósito, o excelente trabalho fotográfico de Paulo Porfírio). Na verdade, o simples gesto de contar é, por si só, uma forma de conferir humanidade, uma vez que, como Hannah Arendt argumenta, o que define uma vida humana como tal é a sua narratividade, isto é, o facto de ser feita de acontecimentos que podem ser contados como se fossem uma história (1958: 97).

O pormenor com que estas histórias são narradas é igualmente fulcral para a restituição de dignidade e o resgate do esquecimento. Resultado de uma investigação imersiva e labiríntica, o detalhe narrativo concede veracidade às histórias contadas por via do jornalismo literário, como Kramer afirma: “Truth is in the details of real lives” (1995). A observação atenta dos objetos esquecidos na caixa (vários retratos, um bilhete de identidade cosido à mão, uma caixinha com ponteiros de relógio, um passaporte brasileiro, um cartão de estudante sem fotografia, uma caderneta bancária, entre outros) é o ponto de partida para um trabalho intensivo de investigação, visível tanto na extensa bibliografia que vai sendo citada como no vasto trabalho de campo realizado, onde se inclui a análise de registos hospitalares, entrevistas a profissionais de saúde e familiares, e diversas visitas aos lugares outrora habitados por estes antigos residentes do Miguel Bombarda, numa tentativa de encontrar vestígios da sua existência para além da doença mental. Catarina Gomes partilha connosco este processo minucioso de investigação, ganhando deste modo a confiança do leitor que aceita percorrer consigo os caminhos sinuosos que foi descobrindo.

A escrita é ritmada e fluida, num movimento constante entre passado e presente, entre os diversos lugares que gravitam em torno do Miguel Bombarda, entre o privado e o público. Ao

tomar os objetos na caixa como uma “cápsula do tempo” (28), Catarina Gomes revela não só a filigrana de uma existência pessoal, feita de ocupações, aspirações e afetos interrompidos pela doença, mas também a sua moldura histórica e cultural. São incluídas diversas considerações sobre a evolução da saúde mental ao nível do entendimento dos distúrbios psiquiátricos (alturas houve em que tanto a epilepsia como a homossexualidade eram consideradas problemáticas da psiquiatria); dos tratamentos aplicados (desde os eletrochoques e a leucotomia, desenvolvida por Egas Moniz, à introdução de psicofármacos); e da linguagem utilizada para designar as perturbações mentais (da parafrenia à esquizofrenia) e quem delas padecia (de “alienados” a “doentes crónicos” e “residentes”, 21). *Coisas de Loucos* constitui assim uma importante súmula da história da saúde mental em Portugal, ainda que por vezes alguma desta informação seja desnecessariamente repetida de texto para texto, fruto da sua publicação inicial em série.

O detalhe histórico ultrapassa, porém, as fronteiras da doença mental. São também incluídas considerações várias sobre a moldura social e política das vidas retratadas, contextualizando-as numa época em que as assimetrias sociais eram visíveis no estatuto inferior das mulheres, no acesso desigual à educação, ou no luxo de se ser, ou não, fotografado. Em vez de habitantes permanentes do longínquo “país da doença”, como designado por Susan Sontag (1991: 3), estas oito pessoas são recolocadas no seu tempo e espaço, numa clara afirmação do direito de pertença e existência coletiva.

A própria linguagem contribui para resgatar estas vidas enclausuradas nos registos hospitalares e no discurso médico. A autora trata as palavras com o mesmo cuidado com que manuseia os objetos que descreve e as vidas que delinea, consciente do imenso poder da linguagem: “E detenho-me no verbo ‘apagar’, que tanto pode significar fazer cessar a luz, o brilho ou o fogo, como fazer desaparecer ou destruir” (217). A atenção com o detalhe linguístico, bem como a apreciação da linguagem no seu sentido mais metafórico (“O nome [capitão de longo curso] soa poético”, 123), conferem uma certa literariedade à escrita de Catarina Gomes, enriquecida pelas referências literárias que por vezes entrança com as suas próprias palavras: por exemplo, quando chama Manuel de “Tom Sawyer de São Martinho do Porto” (121), ou no jogo de espelhos com a obra de Jorge Amado, *Os Velhos Marinheiros* (“Imagino o capitão de longo curso criado por Jorge Amado a narrar esta mesma aventura, mas traduzida pelas suas palavras empolgadas a providenciar ao seu auditório ‘a emoção da narrativa’”, 125).

Contudo, é na capacidade de transformar em história os eventos turvos destas vidas que observamos o traço literário mais vincado da escrita de Catarina Gomes, como Djaimilia Pereira de Almeida comenta no Prefácio: “Li *Coisas de Loucos* como se lesse um romance, cheio de histórias e mistérios, pessoas vivas” (12). Os acontecimentos são habilmente sequenciados com o intuito de prender a atenção do leitor, quer pelos muitos momentos de suspense, quer pelas súbitas revelações que conosco partilha (“A minha surpresa é a dobrar”, 78). O arco narrativo de cada história suscita uma reação no leitor – ou, nas palavras de Tom Wolfe, um “envolvimento emocional” (1996: 46) –, sobretudo quando somos levados a questionar a validade de alguns internamentos ou confrontados com profundas injustiças. Refira-se, por exemplo, o caso de Ricardo Vinte e Um, internado numa enfermaria-prisão apenas por ter tentado avisar

António de Oliveira Salazar de um hipotético bombardeamento; até os registos hospitalares indicam, a certa altura, “[n]ão se sabe porque está preso” (242).

Quando se narra a vida de outrem, sobretudo alguém multiplamente fragilizado (pela doença mental e consequente experiência de internamento, pela impossibilidade de se pronunciar sobre a sua própria história), surgem diversas questões éticas, nomeadamente o risco de silenciarmos, ainda mais, estas existências ao lhes sobrepormos as nossas narrativas pré-concebidas, falando “por” e não “com”. Catarina Gomes revela plena consciência destes problemas, e aborda-os desde logo no capítulo introdutório:

Resgatar estas vidas não acontece sem apreensão. Gostaria eu que um avô ou bisavô, um tio-avô meu fosse ressuscitado desta forma? Pensei muito nisso. Resgatar estas pessoas significa também estigmatizá-las em retrospectiva. Salvá-las do esquecimento implica que, ao mesmo tempo, neste meu livro, elas sejam enquadradas numa galeria que parece pouco honrosa, porventura vergonhosa, a dos loucos. Mas se não os reavivasse desta forma eles e os seus haveres talvez permanecessem para sempre dentro da caixa de papel na cave do Hospital Júlio de Matos, porventura destinados a perderem-se e os papéis lentamente comidos por insetos que apenas buscam alimento. (31-32)

Ainda que a demanda da autora seja movida por sentimentos de curiosidade, fascínio e medo (30), o que de facto a impele é a necessidade e o dever de prestar testemunho a estas vidas, de as materializar através da sua voz. É, aliás, esta voz autoral, tão característica do jornalismo literário, que permite a Catarina Gomes lidar com as difíceis questões éticas com que se confronta. Consciente das suas limitações, a jornalista assume um posicionamento responsável e sensível que, ao respeitar o silêncio das vidas que narra, dá espaço à sua presença, como Djaimilia observa no Prefácio: “Catarina nunca se sobrepõe às pessoas de quem fala, não se precipita, não escreve com ideias feitas sobre um dado tema” (11). A sua voz assume, por vezes, um tom mais crítico, sobretudo quando se refere a outras representações destas pessoas. Temos o exemplo do bailarino Valentim de Barros, alvo de curiosidade voyeurística por parte de profissionais de saúde e jornalistas ao ponto de o tornar num objeto: “O artigo do *Diário de Lisboa*, de 6 de Abril [de 1968] [...] descreve-o como ‘um farrapo. Gordo e deformado’. Terá Valentim lido esta sua descrição?” (152). Catarina mostra-se igualmente crítica no caso de Jaime Fernandes, postumamente tornado artista sem ninguém ter procurado o consentimento da família, nomeadamente das suas filhas: “Primeiro bateram-lhes à porta pessoas do cinema. À exposição da Gulbenkian ainda foram como convidadas. Mas nunca ninguém lhes perguntou se concoravam com tudo aquilo que estava a acontecer com os desenhos do pai” (287).

Apesar de a voz autoral se manifestar predominantemente na primeira pessoa do singular, Catarina Gomes utiliza por vezes a primeira pessoa do plural, num gesto intencionalmente inclusivo que a coloca em pé de igualdade com as pessoas cujas vidas relata: “Os objetos da caixa recordavam-me que a maior parte dos que sofrem de doença mental não são nem artistas nem criminosos, nem geniais, nem perigosos. São como nós. Somos nós” (28). A jornalista é

hábil neste salto imaginativo, inerente à empatia e potenciado pela literatura, de se imaginar no lugar do outro, seja através da indagação de pensamentos hipotéticos (“O que pensaria Ricardo de ter de comer em pratos de lata?”, 225) ou do mimetismo de gestos (“Empurro, tal como fez Ricardo, as portas pesadas”, 251), mas sobretudo por assumir a sua condição humana, frágil e vulnerável – o que Judith Butler chama de “precariousness” (2010: 25–26) –, comum entre si, os doentes mentais, e o leitor.

Desde o início que também nós somos incluídos na demanda de Catarina Gomes (“Se nos colocarmos algures no meio deste recinto murado, podemos quase sentir, apenas pela visão das árvores e o som do vento a bater-lhe nas copas, que estamos no campo”, 15), sendo-nos perdida uma leitura ativa ou, como diria Derek Attridge, responsável, uma leitura comprometida, hospitaleira e recetiva ao “outro” (2004: 130–31). O leitor desempenha por isso um papel fundamental no resgate do esquecimento enquanto testemunha a quem se pede uma escuta atenta, uma hospitalidade disposta a receber as histórias que outrora poucos quiseram ouvir.

A atenção que a autora dedica aos objetos da caixa, às palavras escritas sobre e pelos doentes mentais, aos seus retratos, trajetos e sinuosos percursos, dota o seu olhar de uma “significação ética” (Mendonça 2016) que lhe permite ver estas vidas sem as objetificar. O seu olhar atento é em tudo distinto da curiosidade fetichista com que o “feminóide” Bailarino Valentim foi observado no seu tempo (“Ao jornalista Leal Zêzere surge, no livro *No Mundo do Delírio e da Alucinação*, como ‘um rapaz de 40 anos bordando como uma mulher’ e ‘rebolando-se como gata cheia de lascívia’,” 157), e do olhar vigilante e controlador do panótico na enfermaria–prisão do Miguel Bombarda. Talvez porque a própria jornalista tenha sido tomada por doente mental durante a sua pesquisa no Hospital Júlio de Matos, sentindo-se observada de “alto a baixo” por “um olhar zoológico” (31), se verifique uma urgência em olhar estas vidas de um modo mais justo e humano:

Foi um olhar que me magoou de uma forma inesperada e que eu, de certeza, também já adotei. Foi um vislumbre de apoucamento. O olhar espeçado de quem não me estava a ver. Foi um olhar instrutivo sobre a forma como a relação humana se pode desnaturalizar, perder toda a plasticidade e tornar-se rígida. Em mim durou instantes. (31)

Graças ao duplo pacto aqui firmado (com as pessoas cujas histórias são contadas, e com o leitor, a quem se pede hospitalidade para receber o “outro”), Catarina Gomes cumpre o intuito de salvar do esquecimento as vidas que retrata. Na preocupação em dar voz aos silenciados, no estilo de escrita, no trabalho rigoroso de investigação, na presença de uma voz autoral distinta e na forma como envolve o leitor, *Coisas de Loucos* ilustra exemplarmente a capacidade do jornalismo literário em representar a complexidade e fragilidade do ser humano, numa difícil (mas bem-sucedida) conciliação entre ética e estética.

Bibliografia

Arendt, Hannah (1958), *The Human Condition*, Chicago, The University of Chicago Press.

Attridge, Derek (2004), *The Singularity of Literature*, London, Routledge.

Butler, Judith (2010), *Frames of War: When Is Life Grievable?*, London, Verso.

Gomes, Catarina (2020), *Coisas de Loucos: O que eles deixaram no manicómio*, Lisboa, Tinta da China.

Kramer, Mark (1995), “Breakable Rules for Literary Journalists”, <<https://nieman.harvard.edu/stories/breakable-rules-for-literary-journalists/>> (ultimo acesso em 02/01/2021).

Mendonça, José Tolentino (28 de maio de 2016), “O que nos salva é o olhar”, *Expresso* (Revista E).

Sontag, Susan (1991), *Illness as Metaphor & AIDS and its Metaphors*, London, Penguin Books.

Wolfe, Tom (1996), *The New Journalism*, London, Picador.